

- anotações a vermelho a preto. Formula interrogações nas pp. 86 e 87].
92. SANTOS, R. NÓVOA, *Phisis y psiques*, s.d., Tip. de «El Eco de Santiago», 1922, 326 pp. [Contém uma dedicatória a Leonardo Coimbra. Apenas um sublinhado e uma anotação na p. 41].
 93. SAUERWEIN, Ch., *Histoire de la terre*, Paris, Libr. Reinwald Schleicher Frères, 141 pp. [Assinado na capa. Sublinhado apenas nas pp. 64 e 65 respectivamente].
 94. SERRASQUEIRO, JOSÉ ADELINO, *Tratado de geometria elementar*, 2.ª edição, Coimbra, Livr. Central de J. Diogo Pires, 1882, 423 pp. [Anotações a lapis na capa. Alguns sublinhados e anotações ao longo do livro. A roxo cálculos na p. 189].
 95. STACKEL, PAUL—FRIEDRICH ENGEL, *Gauss les deux bolai et la géométrie non euclidienne*, trad. par L. Langel, Paris, Gauthier-Villars et Fils, 1897, 23 pp.
 96. STALLO, *La matière et la physique moderne*, (=Bibliothèque Scientifique Internationale), s.n.t. 243 pp. [Um sublinhado no cap. III; alguns sublinhados no cap. XII; bastantes sublinhados no cap. XIII].
 97. *Temps, espace, matière*, Paris, Libr. Scientifique A. Blanchard, 1922, 290 pp. [Não tem capa pelo que se desconhece o nome do autor. Poucos sublinhados e só até à p. 167. Uma anotação na p. 97].
 98. TIBERGHIE, P., *La science mène-t-elle à Dieu?*, Libr. Bloud, et Gay, 1933, 216 pp. [Assinado na capa. Breves sublinhados].
 99. TISSERAND, F., *Leçons de cosmographie*, 5.ª ed., Paris, Libr. Armand Colin, 1909, 368 pp. [Sem capas. Poucos sublinhados e só até à p. 125. Algumas anotações].
 100. TUNTZELMAN, G. W., *A Treatise on Electrical Theory and the Problem of the Universe*, London, Charles Griffin C.º Ltd., 1910, 654 pp. [Alguns sublinhados nos cap. III, IV, VIII, IX respectivamente].
 101. VERNADSKY, W., *La biosphère*, Paris, Libr. Félix Alean, 1929, 231 pp. [Alguns sublinhados na primeira parte até à p. 22. Na 2.ª parte o livro não foi consultado].
 102. VIEWEGER, H.-CAPART, *Recueil des problèmes avec solutions sur l'électricité*, Paris, Éditeurs H. Dunod et E. Pinat, 1911, 400 pp. [Muito anotado no formulário. Alguns sublinhados e cálculos nas margens].
 103. WHETAM, W. C. D. LAMPIER, *A History of Science*, 2.ª ed., Cambridge, University Press, 1930, 514, pp. [Assinado na capa. Alguns sublinhados, breves anotações].
 104. WITZ, AIME, *Thermodynamique à l'usage des ingénieurs*, Paris, Masson et Cie., s.d., 179 pp. [Alguns sublinhados].
 105. WOLFERS, F., *La structure de l'électricité*, Paris, Éditions KRA, 1931, 247 pp. [Assinado na capa. Um único sublinhado na p. 15].

A propósito de três obras recentes de Mariologia

Três obras recentes no domínio da Mariologia¹ permitem-nos testemunhar não apenas a importância que a Mariologia adquiriu no conjunto da Dogmática a partir do momento em que se recentrou no significado eclesiológico (recentemente para o qual muito contribuiu a *Lumen Gentium*) como também a diferença de pontos de partida e mesmo de discurso, encontrados em diferentes autores.

Assim enquanto a obra de Ratzinger/von Balthasar se orienta mais no sentido duma interpretação mariológica no marco da Eclesiológia, já a de Bruno Forte contempla mais o carácter antropológico-mistérico da mãe de Deus e finalmente o livro de I. de la Potterie vai sobretudo na linha da interpretação mística de Maria no mistério da Aliança, a meio caminho, diremos, das duas interpretações anteriores.

MARIA, PRIMEIRA IGREJA

O texto Maria, primeira Igreja, é constituído por duas partes, a primeira da autoria do cardeal J. Ratzinger (p. 7-41) e a segunda da autoria de Hans Urs von Balthasar (p. 41-75). Na primeira parte, J. Ratzinger desenvolve o tema do lugar da Mariologia na teologia e no conjunto da fé, para realçar provavelmente de maneira relacionada com algumas questões de actualidade eclesial, que «ao ponto de partida masculino, activista e sociológico de *populus Dei* (povo de Deus) se opõe o facto de que a Igreja — *Ecclesia* — é feminina. Isto significa que aqui se abre a dimensão do mistério, que ultrapassa o sociológico e onde aparecem pela primeira vez o verdadeiro fundamento e a força unificante sobre os quais repousa a Igreja».

Esta interpretação do carácter feminino da Igreja a partir de Maria, tenta em todo o texto de Ratzinger ser ponto de partida para uma relação mais personalizante do crente com Deus, com a criação e com o próprio Cristo.

¹ Referimo-nos às seguintes obras:

JOSEPH RATZINGER - HANS URS VON BALTHASAR, *Marie, première Eglise*, Paris 1987. Esta obra foi publicada originalmente em alemão sob o título, *Maria, Kirche im Ursprung*, Freiburg 1980; IGNACE DE LA POTTERIE, *Maria nel misterio dell'alleanza*, Genova 1988, obra aparecida originalmente na Bélgica sob o título *Het Mariamysterie in het Nieuwe Testament*, Bonheiden, 1985; e BRUNO FORTE, *Maria la donna icona del Misterio*, Milano 1989.

Ou seja a piedade marial contém para a Igreja um significado inultrapassável e é o de que a vivência eclesial contém necessariamente uma relação mística com a verdade, sem a qual a fé não passará dum programa.

O texto de H. U. von Balthasar, mais claramente liberto desta problemática de Ratzinger, insiste contudo também na necessidade de tirar totalmente da atitude de Maria no Evangelho, consequências para a eclesiologia, ou seja no facto de que no carácter exemplar de Maria no interior da Igreja, se encontram escondidas várias consequências importantes para o nosso tempo.

E entre outras, o facto de que «a Igreja, no seu coração perfeito deve ser chamada feminina, o que não espantará ninguém que conheça o Antigo e Novo Testamento» (p. 57).

A consequência que o autor tira da sua explanação mariológica, muito semelhante à de Ratzinger é a de que não convém quando se pretende reformar a Igreja perder de vista o único arquétipo perfeito dessa mesma Igreja, com a qual nos temos de conformar. E esse arquétipo perfeito deve impor-se ao cristão individual e à própria maneira de ver a Igreja. E ao autor de se perguntar; «não deveríamos nós, em nossas reformas, guardar constantemente o olhar fixo sobre Maria, de maneira alguma para multiplicar na nossa Igreja as festas, as devoções mariais e a *fortiori* as definições, mas simplesmente para sabermos nós mesmos o que constituem em realidade a Igreja e o comportamento eclesial» (p. 74).

Partindo do perfil de Maria nos textos revelados, tanto J. Ratzinger como H. U. von Balthasar pretendem partir do arquétipo para os crentes, numa clara tentativa de resposta ao momento eclesial.

Este texto move-se, embora de maneira mais aplicada à realidade histórica, dentro da concepção de Maria como arquétipo da Igreja, como princípio mariológico fundamental, tal como foi estabelecido por O. Semmelroth².

María no mistério da Aliança

O texto de I. de la Potterie, *María no mistério da Aliança*, é bastante mais bíblico e patrístico que o anterior, mas inscreve-se também na consideração sistemática de Maria como personificação de Israel e imagem da Igreja.

A obra longa de quase 300 páginas, desenvolve-se em quatro capítulos: Maria, Virgem e Mãe; esposa das núpcias messiánicas; Mãe do Povo messiânico de Deus; e Arquétipo da Igreja, Mãe e Esposa.

Partindo duma rigorosa exegese bíblica e dando particular relevo ao Evangelho de João, o autor tenta também realçar, como a obra de Ratzinger/Balthasar que «no Ocidente em geral se constata uma excessiva tendência a ver na Igreja unicamente um organismo, constituído

de homens nos quais, por causa da demasiada importância da direcção e da organização, os dons não têm uma grande importância». (p. 246).

Praticando uma leitura espiritual do Novo Testamento, assumindo uma ligação entre a exegese bíblica e as declarações dos Padres da Igreja, o autor procura penetrar o lugar de Maria no mistério da Aliança, dando particular relevo às perícopas joânicas no que concerne à concepção virginal de Cristo (p. 93-143), à cena de Caná (p. 177-225), à cena da cruz (230-251) e finalmente ao Apocalipse (p. 255-279).

A tal ponto que se pode dizer que este especialista de S. João recupera, de certa forma o IV Evangelho para a Mariologia. Facto, com esta cópia de informações, bastante novo, pois que a Mariologia tem dado, em geral, maior destaque ao Evangelho de Lucas.

O leitor atento, desta obra verdadeiramente marcante no domínio da Mariologia, disciplina cada vez mais importante no edifício da Teologia Sistemática, fica agradavelmente surpreendido com a unidade temática conseguida. Todos os temas tratados, desde a Filha de Sião, enfoque da antropologia bíblica mariana, até à «Senhora coroada de estrelas», ponto final do significado escatológico, se encontram inter-ligados dentro do tema escolhido da Aliança.

O desiderato do autor, ao desenvolver os grandes temas mariológicos e sobretudo joânicos do Novo Testamento, consiste em provar que a natureza profunda do mistério de Maria, outra não é senão a natureza da Aliança, concebida do lado do homem e da humanidade que Maria representa.

Já no seu notável livro sobre Maria, Mãe do Senhor e Figura da Igreja⁴, Max Thurian, nos tinha oferecido, conquanto de forma menos explícita, o mesmo ponto de partida e o mesmo ponto de chegada. Curiosamente também o livro de Max Thurian começa com o capítulo sobre a Filha de Sião (p. 21) e termina com o capítulo sobre a Escatologia (p. 283-295).

Com este ponto de partida e este ponto de chegada, é natural que apareça com o devido realce, a função de Maria como imagem e figura do povo de Deus peregrinante na História, nas suas relações com Deus. A partir desta conclusão e da temática desenvolvida, poderemos ver a importância da opção do Vaticano II ao escrever: «A Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da união perfeita com Cristo, como já o ensinava Sto. Ambrósio. Com efeito no mistério da Igreja, a qual é também chamada com razão mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único da virgem e da mãe»⁵.

³ O autor, lembremos, dedicou a Maria no Evangelho de S. João um estudo monográfico: *María Virgen en el IV Evangelio*, Madrid 1979; e dedicou a S. João dois importantes estudos: *La vérité dans S. Jean*, Roma 1977 e *La passion de Jésus selon Saint Jean*, Paris 1986.

⁴ MAX THURIAN, *Marie, mère du Seigneur, figure de l'Eglise*, Taizé 1968.

⁵ *Lumen Gentium*, 63.

Ao reflectir sobre o lugar de Maria na Teologia, já K. Rahner tinha afirmado, a importância antropológica da Mariologia, escrevendo que é justamente porque a teologia é uma exaltação do homem, que Maria aí tem um lugar não apenas acessório mas fundamental: «A mariologia não é apenas um fragmento duma biografia privada de Jesus de Nazareth, em definitivo sem importância para a nossa salvação, mas sim uma expressão da fé mesma sobre uma realidade de fé, sem a qual não há salvação»⁶.

Uma obra como a deste autor prova-o. Mas talvez mais do que isso, ensina-o.

O todo num fragmento

Se quiséssemos dar um título à tentativa de Mariologia sistemática levada a cabo por Bruno Forte, poderíamos utilizar aquele que o próprio autor utiliza na Introdução e que cremos ser tirado duma expressão de H. U. von Balthasar⁷, o todo num fragmento.

O Todo representando, como escreve Bruno Forte, a figura do mistério revelado em Cristo, o fragmento representado pela resposta que a este mistério dá uma mulher, Maria de Nazareth, «em quem o Omnipotente cumpriu maravilhas e que soube consentir no Eterno, no acolhimento profundo da sua fé virginal, na gratuidade irradiante do seu amor materno e na reciprocidade da Aliança esponsal, celebrada em si como dom e selo para esperança do mundo»⁸.

Esta temática, parece terminar na obra do autor, um ciclo de reflexão que vai da Cristologia à Trindade e à Igreja e com a qual o autor rastreia, com possibilidades próprias, algum do labor da teologia protestante e católica alemã no último decénio⁹.

Num primeiro capítulo B. Forte desenvolve a emergência da simbólica e sua denominação *femítil*, como que encontrando um enquadramento antropológico (p. 13-28); segue-se um capítulo consagrado ao lugar de Maria na reflexão teológica (29-39). Com estes temas se desenvolve uma pequena primeira parte.

A segunda parte é de clara tendência histórico-dogmática, dedicando-se o autor, em sucessivos capítulos, a desenvolver as conclusões da exegese do Novo Testamento (p. 45-105) e depois da interpretação dogmática (p. 105-148).

⁶ KARL RAHNER *Marie Mère du Seigneur*, Paris 1960, 37.

⁷ H. U. von BALTHASAR, *Dans Ganze im Fragment. Aspekte der Geschichtsteologie*, Einsiedlen 1963. Tradução francesa *De L'intégration. Aspects d'une théologie de l'Histoire*, Paris 1970.

⁸ B. FORTE, *Maria la donna*, 5.

⁹ Particularmente, *Gesù di Nazareth, storia di Dio, Dio della storia*, Roma 1981; *Trinità come storia*, Milão 1985; *La Chiesa icona della Trinità*, Brescia 1984.

A terceira parte é consagrada ao desenvolvimento dos temas da Virgem, Mãe e Esposa, como ícone do mistério cristão revelado em Cristo e significado na história de Maria (p. 153-265).

Todo o texto espelha uma ampla informação bíblico-patristica e uma interpretação misteriosa em que se concentram o significado teológico, antropológico e eclesiológico, o primeiro realçado a partir da importância cristológica de Maria, Mãe do Filho de Deus, o segundo realçado a partir do homem como ouvinte da Palavra e acolhedor fecundo (mulher) e o terceiro a partir do significado da virgindade-maternidade como símbolo da Igreja.

Esta parte do texto é indiscutivelmente a mais rica e original e demonstra uma boa informação da teologia católica protestante e ortodoxa (veja-se a propósito as citações de Evdokimov, Claudel, de Lubac, Agostinho, Lutero).

A tese de fundo deste texto que além de bem fundado está bem escrito, é a de que a via da verdade e a via da beleza, a narração positiva e a descrição simbólica se imbricam como as telhas do telhado quando se fala de Maria cristamente, a primeira conduzindo às afirmações de índole histórico-teológica, a segunda conduzindo à doutrina da santidade maravilhosa de Maria, obra do Espírito Santo, segundo a bela distinção de Paulo VI¹⁰.

Desta leitura dos acontecimentos mariais sai uma luz decisiva não apenas para a compreensão mas também para a fruição da realidade mística da Igreja, de que a Virgem é simultaneamente, imagem e modelo segundo a expressão rhaneriana citada; «assim é Maria, assim é também a Igreja nossa mãe: a perfeita adoradora: Este é o vértice mais alto da analogia entre uma e outra»¹¹.

UMA MARIOLOGIA A CAMINHO DA TOTALIDADE

As três obras referenciadas, mas particularmente as duas últimas dado que a de Ratzinger/von Balthasar não se pode considerar um tratado de mariologia, testemunham como antes o texto de Max Thurian, a que fizemos referência, o caminhar da Mariologia para a plenitude e para a maturidade, com uma bela integração da reflexão cristológica, bíblica e eclesiológica e mostram como o tratado da Mariologia é um tratado síntese no conjunto da Dogmática.

Na verdade os tratados dogmáticos da Mariologia ou eram excessivamente dogmatico-especulativos (como em geral os tratados do século XIX) ou preferencialmente bíblico-positivos (Dillenschneider) ou meramente bíblico-especulativos (Scheeben, Semmelroth, Rahner).

Nos textos de Bruno Forte e I. de la Potterie, estamos todavia perante tratados muito mais globais em que a dimensão simbólica e

¹⁰ PAULO VI, *Discurso per la chiusura del VII Congresso mariologia e l'inizio del XIV Congresso mariano*, Roma 16-5-1975.

¹¹ B. FORTE, *Maria la donna*, 184.

bíblica se interpenetram. A Mariologia não faz senão, neste domínio, acompanhar a Dogmática que tem sabido acompanhar a melhor investigação crítica e integrá-la numa mais vasta visão hermenêutica.

Pode mesmo dizer-se que devido ao pequeno e escasso fundamento bíblico, a Mariologia está destinada a reflectir os desenvolvimentos da razão hermenêutica. Não é por acaso que a Mariologia católica, no seu aspecto de devoção, sempre supriu e completou a pobreza duma teologia especulativa.

Não admira pois que a Mariologia constitua hoje um lugar por excelência da aplicação do modelo teológico que privilegia a razão hermenêutica. Na verdade a teologia hermenêutica defende que a fé não se desenvolve numa região categorial do saber, mas interpreta a realidade e permite-nos compreendê-la num sentido mais profundo.

O grande mérito destes textos é que constituem, de maneira clara, uma justa integração e harmonia do especulativo e do bíblico, do religioso e do revelado.

Neste sentido se saúdam como duas obras de referência da Mariologia e talvez mais ainda como esforço de leitura da fé da Aliança num fragmento em que se resume a totalidade. Por isso o título Maria ícone do mistério, resume bem ao mesmo tempo a novidade e a originalidade da abordagem actual da Mariologia, que estas obras exemplificam.

ARNALDO DE PINHO

Bibliografia

ADRIANO ALESSI, *Metafísica*, Roma, LAS, 1988, 338 pp. (Libreria Ateneo Salesiano, Piazza Ateneo Salesiano, 100139 Roma).

O título da obra em epígrafe é indicativo do seu conteúdo e da sua orientação doutrinal. Com efeito, depois do tão propalado «fim da metafísica», insistir na sobrevivência do nome, parece significar o propósito de fidelidade a uma tradição. E assim é, de facto.

O autor apresenta-nos um tratado de ontologia, dentro dos parâmetros da metafísica clássica, no sentido do realismo tomista, embora em constante abertura para a filosofia moderna e contemporânea.

É um só volume, que faz parte da «Biblioteca di Scienze religiose» e tem por trás uma longa experiência docente, desde 1975, no Ateneo Salesiano, e uma aturada reflexão e documentação.

A problemática, como as soluções teóricas, são «tradicionais»; mas o desenvolvimento, a metodologia e a didática são profundamente renovadas e actuais. Aí se revela a particular sensibilidade de Alessi para a produção ontológica contemporânea, ante e pós-heideggeriana.

Logo na Introdução, a Metafísica é apresentada como sabedoria, por influência de importantes sistemas contemporâneos e para integrar a sua vertente praxística. Fruto da tendência inata do homem para a busca da verdade, a filosofia não é um saber meramente teórico ou uma ideologia resultante da praxis. Mas antes, uma ciência autêntica que move à acção, dando sentido à existência, propiciando as razões últimas do viver.

Ora, a Metafísica é o fundamento e o vértice da filosofia. Por isso, surge como uma exigência irrenunciável, como um saber que transcende a experiência, um conhecimento que se abre ao ser, uma sabedoria que move à acção.

O desenvolvimento sistemático é introduzido, como habitualmente, pela definição das linhas gerais da investigação metafísica: o primado da existência, o seu objecto e método, o estatuto epistemológico.

O ponto de partida é a experiência ontológica fundamental, alargando e integrando as perspectivas e discussões da neo-escolástica recente e acentuando o carácter realista e a incidência fenomenológico-existencial contemporânea. Aqui toma posição na controvérsia entre intelectualistas e voluntaristas, defendendo, com a maioria dos neo-tomistas, a intuição intelectual do ser. Esta, porém, apoia-se num processo intelectual que é dito abstractivo e culmina na abstracção